

Laboratórios vão aguardar comunicação oficial (O Estado de S. Paulo)

Jornalista: Jair Aceituno

02/09/2008 - A assessoria de imprensa do Laboratório Wyeth informou que vai se pronunciar apenas quando a empresa for notificada oficialmente sobre os resultados da Operação Garra Rufa, da Polícia Civil e da Secretaria da Saúde do Estado. Já a Mantecorp Indústria Química e Farmacêutica afirmou, por meio de nota, que a companhia ainda desconhece o teor das denúncias e aguarda o levantamento das informações para se posicionar. O laboratório Serono não respondeu à solicitação de esclarecimentos da reportagem.

Em Marília, foram presos ontem o médico dermatologista Paulo César Ramos, a advogada Fabiana Noronha, a presidente e a secretária da Associação dos Portadores de Vitiligo e Psoríase do Estado de São Paulo, Lucy Grassi e Ivanete Aparecida Marini. Em Ribeirão Preto, foram presos o advogado Márcio Lancita e os representantes de laboratório Nilson Afonso Godoi e Fabio Marques. Em Bauru foram presos o advogado Guilherme Oliveira e o representante Dalton Araújo Pereira. A reportagem deixou recados na casa da presidente da ONG, Luci Helena Grassi dos Santos, e do médico Paulo César Ramos, de Marília, mas não obteve retorno das chamadas.

Dois dos 15 pacientes que aparecem como beneficiários das ações judiciais, R.P. e G.S., ambos de 28 anos, não sabiam que eram autores de processos na Justiça e informaram que não foram consultados. "No ano passado, eu cheguei à ONG por indicação de um farmacêutico. Eles me encaminharam ao doutor Paulo (César Ramos, preso ontem). Ele me examinou e disse que a solução para o meu problema era o Remicade (nome comercial do Infleximabe)", conta G.S. "Lá na ONG, me fizeram assinar uns papéis e me deram o endereço para pegar o remédio. Viajo, a cada dois meses, 270 km para retirar o medicamento. Realmente para mim funcionou, nunca mais tive problema, mas não sabia da ação judicial. Agora estou com medo de ficar sem tratamento, porque a funcionária da ONG disse que custa R\$ 2 mil a dose. Não posso pagar", disse o representante comercial, que mora em uma cidade próxima a Ribeirão Preto. "Nunca imaginei um negócio desse. Fui pego de surpresa. Eu tenho psoríase leve e o médico (Ramos) disse que no meu caso só funcionaria o Enbrel (nome do Etanercepte). Pesquisei na internet e vi que é muito forte. Então nem tomei", disse R.P., morador de Marília.